

# A difícil viagem de retorno à aldeia

José Edilson de Amorim \*

*“Bom, velho Giése, esta história não é a sua, embora tenha muito que ver com você e comigo, com o finado Lela de Tote e com Vieira. Você se lembra: depois de muitas idas e vindas pelos caminhos de S. Paulo, Lela entregou os pontos, partiu desta para outra melhor, como se diz.”*

(Antônio Torres, carta a José Giése da Cruz, seu primo, incluída como prefácio ao romance *Essa terra*)

*“São Paulo é uma cidade deserta.”*

(fala de Nelo)

*“O livro nascia como uma viagem de volta.”*

(Antônio Torres, em entrevista à *Folha de São Paulo*)

O tema da volta, na tradição literária, tem seu modelo paradigmático na *Odisséia*, referência primeira sobre o assunto no cânone ocidental. Depois da narrativa homérica, são muitas os retornos de maridos e filhos. Uns são os pródigios; outros os providentes, com muitas prendas, sinais e amuletos de reconhecimento. Entre percalços, azares e heroísmos, Ulisses, senhor de terras e de posses em Ítaca, reconquista sua casa, reaproxima-se dos seus e recompõe seu domínio: numa volta triunfal, vai sendo reconhecido por todos, até pelo seu velho cachorro, que somente esperava o antigo dono para morrer. Num enredo de matreirices e manobras duvidosas, Ulisses acaba por matar os inimigos que lhe ameaçavam as posses - dos bens e da sua própria Penélope, paciente, diligente e intrigante. É dessa maneira que retorna o herói grego, sob a proteção dos deuses, coisa já bem distante do nosso pobre mundo de mortais.<sup>1</sup>

Sem dúvida, foi este modelo heróico que inspirou aquele político, ao afirmar, enfático, que “ninguém se perde na volta”. A afirmação, talvez pela ênfase e circunstância histórica em que foi aproveitada, virou quase profecia, repetida em discurso grave, em louvaminha oportunista ou mesmo em brincadeira ocasional. Isto porque o autor da pomposa sentença mandou por muito tempo no jogo político paraibano, sendo figura de projeção nacional. Ocorre que, mais perto da volta odisséica, o homem que falou frase tão afirmativa voltava justamente à chefia de governo do estado da Paraíba, do qual, aliás, nunca se afastara, sob o ponto de vista da influência política.<sup>2</sup>

Lembramos o tema da volta, heroicamente colocado, porque é exatamente este o discurso, dito no passado e com repercussão no presente, que transforma a expectativa das pessoas em construções míticas, distantes da realização concreta dos povos, em sua experiência cotidiana. Mas lembramos,

principalmente, porque o romance que vamos ler, daqui por diante, começa com o tema da volta, ou das suas impossibilidades: é o romance *Essa terra*, de Antônio Torres, publicado em 1976.

O título que abre esta leitura é do professor Oswaldo Elias Xidieh. É de um belíssimo trabalho sobre a vida dos migrantes que, dos vários lugares, chegam a São Paulo, e foi publicado em 1992, em João Pessoa, no *Caderno de Textos número 8*, do Mestrado em Letras da UFPB. O título resume uma entre as muitas preocupações do ensaísta: a volta ao lugar de origem é uma expectativa constantemente mantida, alimentada como necessidade existencial, alimentando este mesmo desejo a coragem com que os migrantes enfrentam condições tão duras de sobrevivência. Essa esperança vai sendo adiada, ou se realiza em condições frustrantes; ou quase sempre nunca se realiza.<sup>3</sup>

O romance de Antônio Torres

tematiza o complexo dessa volta como colocada acima, com a mesma dimensão humana, concretamente dramática, apontada pelo vivo ensaio antropológico do professor paulista: as marcas da esperança, da frustração e da impossibilidade. A presença dramática de um dos personagens centrais do romance expõe um percurso existencial que resume a trágica situação social de muitos outros migrantes. Acompanhem os caminhos de Nelo: No início dos anos 50, o Junco é uma pequena cidade do nordeste da Bahia, vivendo do parco comércio e da produção agrícola de subsistência, intermitente e incerta por causa de estiagens cíclicas, entre outras causas. Nelo é o filho mais velho de uma família pobre, em crescimento vegetativo que irá atingir a marca de doze irmãos. Nelo ajudava o pai na agricultura, mas sonhava com as roupas bonitas e as maneiras dos *bancários* que passavam pelo Junco. Depois da visita dos homens da ANCAR, Nelo firma o propósito de ir para São Paulo. Disto tudo ficamos logo sabendo no início do livro - capítulo 2 da primeira parte ("Essa terra me chama").

Ficamos sabendo também que tudo já é passado: mal o leitor vence três curtíssimos capítulos, é envolvido por nada menos do que quarenta anos da história de vida de Nelo e do Junco. Faz em torno de um mês que Nelo voltou de São Paulo, neste período erige-se monumento vivo do mito que a família construía em torno de sua existência distante: era o filho providente, mitificação do futuro próspero que seus pais viviam idealizando, modelo para os irmãos que sonhavam seguir igual sorte, decantada por parentes e demais moradores daquela cidadezinha, de que era o centro das atenções. A volta de Nelo suspende, pela novidade, o cotidiano mesmificado do lugarejo: o homem importante que viera de São Paulo é cercado por admiradores sinceros e por aproveitadores de ocasião. Mas Nelo voltara para morrer. Suspenso

por uma corda - é assim que o irmão vai encontrá-lo, ao voltar com um dos tios que ia visitar o sobrinho rico e famoso. A morte, aliás, já aparece antecipadamente indicada na narrativa, pela fala que abre o romance, a fala do tio de Nelo, que acompanhava o narrador para visitar o sobrinho recém-chegado:

*"- Se estiver vivo um dia ele aparece, foi o que eu sempre disse."* (ET, p. 17).

O mesmo índice de morte é disforicamente repetido na sensação de angústia do narrador, na página seguinte:

*"A alpercata esmaga minha sombra, enquanto avanço num tempo parado e calado, como se não existisse mais vento no mundo. Talvez fosse um agouro. Alguma coisa ruim, muito ruim, podia estar acontecendo."* (ET, p. 18,19).

E a morte revela aos habitantes pasmos a mesquinhez e a pobreza de uma vida igual a deles; a morte de Nelo é a morte de uma idealização. Desencadeia um balanço cruel da dura realidade que a família enfrenta, revelando também a dupla existência que ele levava: um herói construído à distância pela família; um homem pobre atormentado por uma existência brutal, do ponto de vista da sobrevivência material e no tocante à vida afetiva. Um homem sem atividade financeira definida, abandonado pela mulher e filhos. Um homem, enfim, que demorou vinte anos para voltar a Junco, sempre adiando o sonho de ajudar decentemente na melhoria de vida da família, já dispersa e marginalizada, deambulando por outras cidades da Bahia. É importante acompanhar o balanço que Totonhim, irmão de Nelo e narrador de sua história, faz a partir de sua morte:

*"Vinte anos para a frente, vinte anos para trás. E eu no meio, como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa - um velho relógio de*

*pêndulo que há muito perdeu o ritmo e o rumo das horas. Eis como me sinto e não apenas já agora, que já sei como tudo terminou."* (ET, p.22).

É dessa maneira que o narrador se apresenta: chama-se Totonhim, está na casa dos vinte anos e tem frustrada a alegria pela vinda do irmão que lhe fora apresentado, por toda a sua vida, como modelo a ser seguido. A volta do irmão provoca a continuidade da reflexão do narrador que acaba revelando a precariedade da situação familiar: a miséria, a disputa pela oportunidade inexistente, os ressentimentos. Por outro lado, o mito que a comunidade construiu, nele se projetando e identificando desejos, termina servindo à exposição de ambições e cobranças mesquinhas. O próprio momento da chegada à cidade já marca um desencontro: Nelo volta ao Junco sem o menor aviso à família, sem entendimentos com os seus; é num hotel que Totonhim vai encontrá-lo, depois do irmão ter sido reconhecido pelo farmacêutico:

*"- Você não tem necessidade de gastar dinheiro em Hotel."*

*"- Eu não sabia que tinha um irmão aqui - ele afasta a minha mão da mala e acrescenta: - Pode deixar. Eu mesmo levo."* (ET, p. 23).

Dão-se a conhecer e Nelo vai indagando sobre a vida dos outros - mãe, pai e irmãos: sabe que os pais e os menores estão em Feira de Santana, os demais espalhados por cidades diversas, todos em dificuldades. E logo o sonho que Totonhim fizera do irmão começa a ruir no primeiro encontro. Totonhim quer saber de coisas de outro mundo, as aventuras de São Paulo; o irmão o obriga a revelar a miséria familiar, o que irá expor a miséria de ambos: "Conte tudo de bom, todas as belas aventuras que você viveu: palha e lenha dos meus sonhos. Mas ele insistia e perguntava e remoía, enquanto instalava os dedos e se agitava, me agitando." É neste ponto

que Totonhim destila raiva contra a família; volta no tempo e declara sua decisão de vingar-se de todos, não ajudando em nada, ressentido pelas humilhações que tivera de passar, ao ser sustentado enquanto cursava o ginásio. Destaque intelectual, aliás, que não o distinguia aos olhos da família, toda devotada a Nelo, o herói distante que mandava dinheiro todo mês; muito dinheiro para suas possibilidades, pouco, porém, para as enormes necessidades da família pobre, embora benvindo por ser a única fonte certa de renda, e pela esperança que representava de dias melhores, como uma quantia simbólica, quase mágica, que vinha de São Paulo.

O contraste entre a dura realidade presente, no primeiro diálogo entre os irmãos, é a alegria das pessoas que vão chegando, familiares e conhecidos admirados com a volta de um conterrâneo vinte anos distante: o próprio Nelo, triste com as notícias que o irmão vai desfilando sobre a vida difícil que a família levava, muda rápido em alegria, dissimulando o mal-estar que logo se revelará insuportável, e ambos são arrastados para a comemoração na venda de Pedro Infante: "Eu ia atrás - agarrado, puxado, seguindo o rebanho. Meus parabéns, meus parabéns - era o que eles me diziam, repetidas vezes, como se eu tivesse acertado na loteria." São as palavras do narrador, ao encerrar o capítulo 3 da primeira parte. Interessante observar a comparação hipotética da volta do irmão com o prêmio em dinheiro: São Paulo era a imagem da riqueza para os pobres moradores do interior. A volta seria mais do que a comprovação desta verdade, seria a compensação dos familiares por tanto tempo de ausência.

A volta de Nelo ainda ganha uma significação especial, pela maneira como repercute no pensamento de um homem circunspecto do Junco. O homem aprecia e se orgulha do modo de falar do conterrâneo, correto e educado, polido pela experiência em outras terras. Numa conversa na venda de Pedro

Infante, ponto de encontro que informa e faz circular os fatos da cidade, este senhor elogia os modos de Nelo e lamenta o seu infortúnio: "Custa crer que um homem desses pudesse - nem gosto de pensar." (ET, p. 30). Mas o que impressiona o homem circunspecto, na linguagem de Nelo, não passa de expressões normais ou de frases desconexas, discurso intempestivo a demonstrar o destempero do seu raciocínio, ou mesmo seu alheamento no momento do encontro casual com aquele homem, certamente perturbado por outros pensamentos. Em cima da hora, mal o velho acaba de falar sua admiração, Totonhim conclui para si: "Não custa a crer, diria eu." E passa a narrar um passeio com o irmão a caminho da roça, em visita à casa que fora da família: Nelo está bêbado, delira ao querer pegar um táxi na estradinha em que só passava jumento; ao querer que o irmão o leve até à casa da ex-mulher, em Itaquera ou Itaim, perto de São Miguel Paulista, estando perto de Junco; tem alucinação ao sentir uma chuva inexistente. Acaba expondo ao irmão parte de seu tormento: a mulher que o abandonara levando seus dois filhos. O afloramento de tantos problemas revela um homem esmagado e impotente, o que aumenta o choque, ao deparar com a ruína também do seu passado, ali presente. Não cumpre, por isso, todo o objetivo do passeio, feito em momento de porre - matar a saudade, visitar a casa em que haviam nascido, ele e seus irmãos. Nelo volta mal avista as ruínas da antiga casa:

*"Ele agora contemplava a casa e os pastos como se estivesse diante do túmulo de alguém que tivesse amado muito - e o efeito do que estava vendo devia ser muito forte, porque já não parecia tão bêbado como antes:*

*- Vamos voltar?*

*- Não quer ir até lá? A cancela é logo ali embaixo.*

*- Eu sei. Mas fica pra outro dia.*

*- Mas já que fomos até aqui -*

*- Hoje não - ele disse e foi andando*

*na minha frente, de volta à rua.*

*Calado e fechado: trancado." (ET, p. 33).*

Justamente porque chegaram até ali, poderia ter dito Nelo, fosse menor o seu desespero. Como encarar tanta desolação, tanta perda? Totonhim reflete sobre este passeio enquanto espera a chegada dos pais para o enterro do irmão. Pensa o quanto será difícil explicar-lhes o acontecimento triste: "Iria ter de explicar tudo, desde o começo. Iria pegar numa das alças do caixão. Mas não ia saber dizer porque Nelo não foi vê-los em Feira de Santana, já que o ônibus de São Paulo pára primeiro lá." (ET, p. 34). Esta informação denuncia o quanto era problemática a volta de Nelo à sua terra: ele não apenas desconhecia que em Junco ainda morava um irmão seu (p. 23), como não visita os pais antes de chegar ao Junco. Parece, por tais fatos, que o seu propósito era ver sua terra e morrer, numa espécie de ajuste de contas com o lugar de sua infância e juventude, pagamento de uma dívida afetiva, auto-punição pelo abandono.

Mas também um desengano enorme por não mais poder ficar ali: Nelo reconhece ser impossível conciliar, em si, o herói público, feito ídolo pelos amigos que o conheceram no passado, com um homem fracassado e doente, angustiado pela perda da mulher e dos filhos, decepcionado por nada possuir para garantir a sobrevivência, móvel de sua ida para o sul. Difícil rever a cidade morta, reaver as terras perdidas; mais difícil ainda para ele, que sonhara o tempo todo em recompor as posses da família empobrecida e voltar como o filho previdente e provedor da carência familiar.

O suicídio de Nelo é a revelação violenta de que o homem que voltou não foi aquele que a família e os amigos do passado esperavam. Quando abrem sua carteira, abre-se na intimidade mais mesquinha a vida precária de um ser precário:

*“Era verdade. A receita estava na carteira, uma velha carteira vazia. Digo: sem dinheiro. Porque ela estava recheada com documentos, bilhetes de loteria vencidos, uma carta e uma antiga foto de duas crianças sorrindo. Reconheci os velhos garranchos de mamãe no envelope, antes mesmo de olhar o nome do remetente. Atrás da fotografia estava escrito: ‘Papai, nunca se esqueça de nós. Robertinho e Eliane.’ A letra era de adulto, uma letrinha redonda e inclinada para trás. Letra de mulher.”* (ET, p. 35, 36).

Cidadão documentado, sonhando que a loteria lhe desse o que o incerto emprego lhe tinha negado. É o desencontro do trabalhador com suas esperanças. Igualmente doloroso são aquelas “caligrafias do afeto”<sup>4</sup>: a carta da mãe e o pedido dos filhos que conduzia na carteira já são o arquivo de um desconcerto. Fica-se então sabendo que a mãe migrara e sofria a dispersão da família; e que não sabia nada da mulher e dos filhos de Nelo, que seriam sua nora e seus netos. Às caligrafias do afeto se sobrepõe uma implacável cartografia do desencontro do homem com suas necessidades de afeição. Nelo então é devassado por dentro: o interesse maior em verificar sua carteira era do farmacêutico, lá encontram a receita que este já conhecia, Nelo tomava remédios para sífilis, esquistossomose, doenças da desassistência e do descaso, da precariedade e da pobreza; tomava também remédio para os nervos: “E era tudo. Além da roupa do corpo, com que estava vestido, como se antes tivesse pensado em sair, como se a idéia da morte não tivesse sido uma coisa premeditada. Quem vai querer herdá-la? Não faltarão candidatos para o rádio de pilha, o relógio e os óculos. Ficarei com os óculos. Boa recordação.” (ET, p. 36). Aí se explica porque Nelo não deixou, ao encontrar o irmão, que este segurasse sua mala, seria a revelação antecipada da sua pobreza, o que seu resto de orgulho não desejava dar a conhecer,

pelo menos em vida.

Em vinte anos, uma única e última volta a Junco. Com certeza, Nelo pensou muitas vezes em voltar, imaginou muitas visitas. Pelo menos uma dessas voltas imaginárias está dramatizada no romance. Nelo assume a palavra e conta uma experiência brutal, num capítulo estruturado como um conto:<sup>5</sup> Ele corre desesperadamente por uma rua de São Paulo, na tentativa de alcançar um ônibus em que, imagina, vira entrar sua mulher com os dois filhos. Acaba preso como ladrão e é espancado estupidamente. Entre os policiais, estava um conterrâneo - Zé do pistão, baiano, a quem Nelo prestara solidariedade. Mas fora justamente este que lhe *roubara* a mulher: a confusão entre Nelo e um ladrão, portanto, ganha caráter arbitrário, o policial agride para afirmar que Nelo não deve se aproximar mais da ex-mulher (ver p. 44), o que revela a vulnerabilidade do indivíduo face à instituição autoritária, realidade muito mais exposta durante os anos de arbítrio, período correspondente ao tempo representado pela volta de Nelo - início dos anos 70. Delirante e alucinado, durante o espancamento Nelo vê a figura do pai que lhe estende o chapéu, símbolo atávico da proteção, mas que ele não consegue agarrar. A distância e o abandono representam um hiato irremediável entre ele e o pai. Da mesma forma, estranha é a lembrança de Totonhim que o teria denunciado, irmão que ele sequer conhecia ( “- Você me denunciou, Totonhim. Olhe o resultado, fuxiqueiro de merda.”). A queixa dirigida ao irmão parece cobrar uma aproximação que falta, um irmão a quem dirigisse um pedido de ajuda. Nos dois casos, revela-se a carência e a fragmentação de seus laços com o mundo familiar. Revela-se ainda o desespero e o abandono do homem em situação violentamente patética, incapaz de ser resolvida pela abstração de uma pátria pacífica e forte:

*“Às margens plácidas, águas turvas. Tietetânicas.*

*Ventos frios, homens fortes: do Sul e do Norte.*

*Tape o nariz e boa sorte.”* (ET, p. 43).

Em delírio, Nelo repassa sua vida, desde a infância no Junco, até sua vinda para São Paulo, destacando como conheceu sua mulher, seu casamento e a perda desta e dos filhos. Tratado como marginal e esgotada a capacidade de negar, insere este significado na geografia de São Paulo, o que cria uma superposição imagética de grande riqueza:

*“- Confessa, você é marginal.*

*Eu disse não, não, não, não.*

*Não, não, não, não.*

*Não.*

*Marginal: uma avenida larga margeando o Tietê.*

*Tietê: águas escuras, fundas. Tietetânicas.*

*Ao fundo, a cidade de São Paulo.”* (ET, p. 44-45).

A cidade ao fundo, como quadro impassível, expressivamente sombreado pela presença daquele habitante anônimo que vê a cena de espancamento e se retira da janela em silêncio, omisso ou impotente, sem qualquer outro gesto além deste: “Uma luz se acendeu ao meu terceiro grito e um homem chegou à janela. Ficou olhando.” (...) “Eles continuaram batendo e já era tarde e não havia mais ninguém na rua e o homem que acendeu a luz e chegou à janela ficou só olhando, e eu gritei: - É mentira. É tudo mentira.” (...) “O homem da janela deve ter saído da janela. Apagou a luz, desapareceu, foi dormir.” (ET, pp. 43,45,47). A observação das páginas em que se encontram as citações comprova a presença do “homem da janela” no início, no meio e no fim do conto-capítulo em que Nelo é brutalizado. Está diante do leitor um dado importante da literatura do período - os anos 70: esse dado é a violência policial. Só que a cena põe em relevo um elemento importante, marcando certa *diferença* em relação à ficção sobre o período, mais voltada para a tematização da violência contra

militantes políticos de esquerda. No relato de Nelo, o que ressalta é a violência policial gratuita, nada instrumental e sem atender a qualquer finalidade visível, além do amedrontamento e da vingança individual. No mesmo quadro, um cidadão comum está sendo espancado e outro cidadão comum, anônimo e atônito, é chamado a assistir a uma cena, compulsoriamente acovardado. O quadro somente pode suscitar a reflexão sobre a violência cotidiana como prática da atividade policial rotineira, voltada sobre a população marginalizada: sendo este o outro lado da violência do estado contra a sociedade, além da repressão instrumental do regime militar.<sup>6</sup>

Nesse momento, as geografias se misturam: o riacho da casa de Nelo, perto do Junco, vai dar no rio Inhambupe, que vai dar no Tietê. Caminhos em nada absurdos, na *terceira margem* da existência do protagonista. Nelo volta à infância para se lembrar do compromisso que parece ter firmado para si próprio, sonho que alimenta sua vida na cidade grande: "Preciso mandar um dinheiro para o senhor comprar de novo a roça e a casa que o senhor vendeu, tomara que tudo melhor." (ET, p. 46) E a cena de espancamento termina com Nelo semimorto, no meio da rua, arrodado por homens fardados, imagem brutal da violência gratuita contra o indivíduo desprotegido. Mas uma violência que parece se desgarrar das pessoas, das quais a cidade está vazia, para impregnar-se na cidade como extensão desta, integrando sua geografia sem sentido. Uma violência, ainda, que extrapola a geografia imediata de São Paulo e se estende ao Junco, numa via sem saída para os marginalizados, aqueles para quem se revela, implacavelmente, que a "mina de ouro" não é patrimônio comum.<sup>7</sup>

*"Dinheiro, dinheiro, dinheiro.*

*Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.*

*Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.*

*No meio da fumaça, no meio do dinheiro.*

*Não sei se fico ou se volto.*

*Não sei se estou em São Paulo ou no Junco.*

(...)

*São Paulo é uma cidade deserta."*

(ET, p. 47).

Reflexão idêntica Nelo também faz, numa noite triste e comprida, desta feita no Junco, na casa do irmão Totonhim. Nelo acorda e se lembra de São Paulo com saudades, das melhores condições de vida e higiene que apresentava, em relação às casas e ruas precárias da cidade pequena. Lembra da mulher e, em pensamentos, pede sua volta; mas, avaliando bem sua situação, reconhece a iniquidade de qualquer volta: "Uma confusão de desejos, arrependimento e dúvidas. Estragado pelos anos, esbagaçado pelo álcool, já não via por onde pudesse recomeçar." (ET, p. 80). Avaliando, por outro lado, a situação do lugar e a dos seus familiares, encontra o caminho mais curto, enxerga na natureza a razão de tanto descontrole. O homem, na sua explicação, está condenado fatalmente ao esforço inútil que a terra impõe, numa disputa brutal entre adversários. A natureza hostil estipula a repetição da mesma tarefa intemporal e estéril: o trabalho sem sentido de Sísifo: "Nascemos numa terra selvagem, onde tudo já estava condenado desde o princípio. Sol selvagem. Chuva selvagem. O sol queima o nosso juízo e a chuva arranca as cercas, deixando apenas o arame farpado, para que os homens tenham de novo todo o trabalho de fazer outra cerca, no mesmo arame farpado. E mal acabam de fazer a cerca têm de arrancar o mata-pasto, desde a raiz. A erva daninha que nasceu com a chuva, que eles tanto pediram a Deus." (ET, p. 82).

Seja em São Paulo, a cidade deserta, seja no Junco, igualmente hostil, é impossível para Nelo encontrar um lugar, sentir-se em bem-estar, já que ele havia perdido qualquer esperança, qualquer utopia, por mais pessoal que

fosse. Vê no Junco, então, a imagem do deserto que a cidade grande representava: com os irmãos pobres e dispersos; com os pais miseráveis, de nada lhe adiantava a memória de um avô que imaginava forte, a reclamar da fraqueza alheia. Ao revelar sua impotência face à miséria sua e da família, Nelo parece buscar parceria para o seu fracasso na vida do Junco, complementar da vida de São Paulo. E conclui desolado: "É por isso que eu não sei se volto ou se fico. Acho que tanto faz. Porque o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar que deixei em São Paulo. Deu para você entender, Totonhim? Respondi direito à sua pergunta?" (ET, p. 82).

Dessa maneira, "Essa terra me chama", título da primeira parte do livro, pode também ser entendida, pela fala de Nelo e por sua frustração, como *essa terra me expulsa*. Aliás, os títulos de cada parte têm sentido ambíguo, contendo cada um o seu contrário.<sup>8</sup>

Além dessa *volta* imaginária a Junco, sem dúvida uma representação delirante e alucinada das esperanças de Nelo, também sua família nutre a expectativa de sua volta efetiva. O pai de Nelo, por exemplo, jamais esquece uma simples notícia sumária de um parente que, em São Paulo, dormira em casa de Nelo e lhe agradecera a hospitalidade (ver página 64). E o velho, enquanto caminha, desolado, do sítio que vendera para a rua, em Junco, onde tomará um caminhão para Feira de Santana, vai repassando sua vida, a vida da família e da cidade. Lembra, entre muitos fatos, a conversa que tivera com um tio de sua mulher, que um dia encontrara Nelo em São Paulo. Este tio, aliás, embora fale bem do sul, das terras distantes que conheceu, não esconde as marcas que trouxe. Volta ao Junco a passeio e, no princípio, sua palavra fala a voz da experiência acumulada em terras que os roceiros desconheciam. Mas buscava disfarçar uma cicatriz na cabeça, o que, também a princípio, atestava a

autoridade de suas afirmações lisonjeiras quanto ao sul distante: "O homem deixara um pedaço de sua carne pelo caminho, possuía o saber de quem viveu muito, em muitos lugares. Ora vejam só. Um homem do Junco já tinha ido até ao Paraguai. O que era o progresso." (ET, p. 62). Assim pensa o pai de Nelo.

Ocorre que a fé nas palavras do homem vai minguando, desaparece e cede lugar à desconfiança. O homem era vendedor de bugigangas: para o espanto do velho pai de Nelo, este homem saca uma caixinha de imagens que se sucedem, a que chama de cinema, e exhibe a cidade de São Paulo, as imagens grandiosas dos seus edifícios. E o homem não poupa elogios à cidade grande. Atendendo, porém, à ansiosa curiosidade do pai de Nelo, fala do único encontro que tivera com este, em São Miguel Paulista: "Tio, ele gritou pra mim. Conta aqui para esse senhor quem é a nossa família lá na Bahia. Esse senhor a quem Nelo queria que eu dissesse quem era a nossa família aqui na Bahia era o dono do bar, um português zangado, de pouca prosa. Tio, Nelo gritou, de novo, ele não quer me vender uma cachaça fiado. Não é um desaforo?" (ET, p. 65). A riqueza com que o homem pinta São Paulo não consegue esconder uma realidade concreta: Nelo sem dinheiro, embriagado, pedindo cachaça fiado e, ao mesmo tempo, invocando o prestígio inexistente de uma família pobre, dispersa pelo interior da Bahia. Tendo o filho assim apresentado, o velho sai em sua defesa e desconfia do Caboco (é assim que nomeia o visitante). Convida este para tomarem uma cachaça e se decepciona: o homem recusa, afirma que tomou muito, mas *agora* parou e entrou para a igreja dos crentes: "Mais tarde o velho pensaria: se eu soubesse disso não perdia o meu tempo. Esse negócio de crente não é da lei de Deus." (ET, p. 65).

O velho irá comprovar, depois, que a única verdade, na fala do visitante, era aquela em que não quis acreditar. O resto era *vantagem*, como desconfiou.

A volta de Nelo cumpre o *fatalismo bíblico* de volta ao nada. E também promove outras voltas igualmente marcadas pelo desengano e pelo fracasso - a volta da mãe e a volta do pai ao Junco, vindos de Feira de Santana. O último capítulo, sintomaticamente brevíssimo, *fecha* a primeira parte, num conjunto ritual de gestos encadeados. Ritualmente, o capítulo começa com o pai tirando o chapéu diante do morto: morto o filho, descobre-se o pai, tirando o *chapéu* que aquele tanto pedira:

"Papai tira o chapéu, se benze, em seguida descobre a cabeça do morto. Diz:

- Sua alma, sua palma. Sua capela de pindoba.

Depois me pergunta onde estão as tábuas e as ferramentas.

Começa a fazer o caixão." (ET, o. 47).

Eis todo o capítulo. Já a mãe não tem a tranquilidade que o pai de Nelo demonstra. Voltar a Junco para ver o filho morto é voltar para expor sua dor, é sentir uma perda que ela não pode suportar. Volta para *enlouquecer*, ela que sempre mantivera a lucidez, que procurava resolver as enormes dificuldades antes do desespero. Sua volta representa uma dupla morte, já que a morte do filho mata muito de si também. A loucura se revela, então uma forma de resistir, desistindo. A loucura, bem entendido, como desatino que se instala de vez na recusa que a velha mãe demonstra em encarar a realidade da morte do filho; na verdade, já havia sinais de desequilíbrio na violência das brigas domésticas, nos devaneios e nas agressões contra o marido.

Insistimos muito no tema da *volta* porque vemos nele o elemento estruturador do romance *Essa terra*: a narrativa avança pelo recuo ao passado. No presente, somente a loucura, a dispersão e a morte. Segundo o autor, seu romance tem muito das viagens que fez pelo sertão da Bahia, depois de sua experiência em cidades grandes, como

São Paulo e Rio de Janeiro. Uma dessas viagens, declarada pelo autor na cartaprefácio do livro, tem o sentido, entre outros, do retorno criticamente sentido, algo misto entre o sentimento melancólico da perda e o desencanto crítico a constatar que nada havia ali para ser perdido. Também os nomes dos personagens, desde os dos romances anteriores de Antônio Torres, sugerem uma volta ao Junco, como uma espécie de retorno do autor à infância, a si mesmo, mas não como introspecção saudosista, e sim como cotejo crítico das situações passada e presente, que se reproduzem e se assemelham. A própria recorrência do signo *terra*, no título do romance e de todas as suas partes, metaforiza a travessia ambivalente da vida; a terra, assim, é origem e destino, retorno inescapável. E é com a terra que o doido Alcino se identifica, chamando todos ao seu seio: "- Vem que eu te agasalharei." (...) "- Eu sou tua terra. Sou teu pai e tua mãe." (ET, p. 79). Antes mesmo, no capítulo 3 (início do livro), a imagem dos ponteiros parados do "velho relógio" já prefigura a eterna volta em torno de um tempo imóvel, sem mudança, porque condenado à repetição circular: Totonhim mira-se em Nelo mas tem sua miragem desvanecida no meio de um tempo em que se vê condenado a repetir a trajetória do irmão. A volta é o cruzamento de passado e presente, só que o presente é a morte de Nelo, desencadeando o balanço do passado. Não há futuro. E a realidade humana e social narrada se configura como a "terra-cemitério" de Josué de Castro ou como a "paisagem-defunta" de João Cabral de Melo Neto.<sup>9</sup>

A volta dos migrantes nordestinos é pensada como desejo de reenraizamento, para fugir ao "deslocamento psicológico". É isto que o romance problematiza: a ida é um sonho, mais das vezes uma necessidade; a volta é sempre desejo, realização problemática ou impossibilidade mesmo. Talvez com o vago sentimento desta realidade, há os que recusam esse sonho sem muita raiz,

espécie de resistência muda. O Pai, no romance, resiste o que pode, antes de ir para Feira de Santana. Em declaração ao *Jornal do Brasil*, o autor observa que seu pai jamais se adaptou a uma cidade maior que o Junco.<sup>10</sup>

Agora é possível entender porque Totomim escolheu os óculos, entre os despojos do irmão morto: sua decisão de ir a São Paulo tem o significado de uma volta. Ele vai como que pela perspectiva de Nelo. E sua ida é triste, não carrega o sentimento de conquista que anima os retirantes de Jorge Amado que chegam a São Paulo após penosa peregrinação. Sequer também traz o tênue sonho de ir para uma cidade do Sul, aquela vaga utopia que Fabiano não pôde realizar. E aqui o romance enfatiza uma das principais reflexões que mobiliza: o retorno temático ao regionalismo se dá pela atualização do questionamento crítico, no diálogo com a realidade regional no seu intercâmbio com a vida social do resto do país. Esta é a maneira de intervenção do livro na realidade social que apresenta ao leitor. O livro se estrutura como uma narrativa em retrospecto; a volta, portanto, é o fundamento da história narrada, pelo menos assim sentiram os moradores do Junco, em trânsito para São Paulo.

\* José Edilson de Amorim é Prof. de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (ex-campus II da UFPB).

## NOTAS

1. As peripécias da volta de Ulisses à Itaca ocupam grande parte da narrativa de *Odisséia*. Vão da rapsódia XVI à rapsódia XXIII. Cf. Homero. *Odisséia*. Introdução e notas de Médéric Dufour; tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo, Nova Cultural, 1993.

2. A frase é de autoria de José Américo de Almeida e é pronunciada, em situação solene, ao fazer balanço de sua volta ao poder no início dos anos 50 (teria sido pronunciada num comício, em Campina Grande, durante a campanha para governador do estado em 1950). Neste ano, é eleito governador do estado da Paraíba; e

em 1953 volta ao Ministério da Viação, novamente a convite de Getúlio Vargas. Ver Aspásia Camargo em *O Nordeste e a política: diálogo com José Américo de Almeida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, particularmente o capítulo XIII da primeira parte.

3. Xidieh, Oswaldo Elias. "A difícil viagem de retorno à aldeia". *Caderno de textos 8 - A representação do oprimido*. João Pessoa, Mestrado em Letras da UFPB, 1992, pp. 7-50.

4. A expressão "caligrafias do afeto" é do professor Francisco Foot Hardman, cunhada como título do belíssimo e pungente ensaio sobre a correspondência entre Euclides da Cunha e seus filhos: "Pai, filho: caligrafias do afeto." *Revista USP número 23*, setembro/novembro de 1994, pp. 93-101.

5. Uma das primeiras leituras de *Essa Terra* a destacar a estrutura de conto do episódio referido é a do professor Chico Viana, no seu estudo do romance feito para o *2001 Cursos - Caderno de Textos*, João Pessoa, 1977, pp. 9-30.

6. Em afiado ensaio sobre a violência como prática social, o professor Luciano Oliveira, da UFPE, adverte sobre a necessidade da luta permanente pelos direitos humanos, cotidianamente violados. Argumenta contra o sentimento de tranqüilidade que pode estar contido no relato-denúncia do livro *Brasil: nunca mais*, projeto que, enfocando a violência política, pode fazer esquecer a cultura da violência, enraizada em nossa sociedade. O autor lembra, a propósito, a constatação feita por Fernando Gabeira: "Até que ponto não fomos nós cúmplices disto, nós da esquerda? [...] Nunca nos comovemos de fato com o Esquadrão da Morte - as misérias e torturas que se passaram nos porões da polícia comum eram apenas injustiças que iam desaparecer com o socialismo. [...] Era lógico que fizessem isto no Brasil, pois até a esquerda, até a oposição pareciam bastante insensíveis para esta dimensão da violência." (*O que é isso, companheiro*, 1979, 245). Não só nos porões se exerce a violência, adverte o professor; da mesma forma, coloca Antônio Torres na cena que comentamos: as coisas se passam na rua, com a cumplicidade e até a participação das pessoas comuns. O livro do professor Luciano Oliveira é: *Do nunca mais ao eterno retorno: Uma reflexão sobre a tortura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Tudo é história; 149).

7. Cf. " 'Ponteiros Parados' Ou a gênese do cão", prefácio de Lígia Chiappini Moraes Leite ao romance *Essa Terra*. 3 edição, São Paulo: Ática, 1979. As idas e vindas de migrantes nordestinos a São Paulo e Rio, são caracterizadas por Antônio Torres como um

"verdadeiro corredor polonês que significa esta marcha entre o sertão e o Sul." (ver *O Estado de São Paulo*, 26 de maio de 1984.)

A opinião de que os nomes dos personagens remetem às referências do autor ao Junco é de Lígia Chiappini que, no ensaio citado, coteja nomes de personagens com os de pessoas citadas pelo autor na carta a José Giése da Cruz, que introduz o romance.

A este respeito, por sinal, são indispensáveis as palavras do autor sobre a gênese da obra, em entrevista à *Folha de São Paulo*: "Primeiro eu vi apenas de um décimo andar da avenida Paulista, os baianos com suas 'lambretas' no trabalho de esburacar a avenida. E o livro foi nascendo. Parei no sétimo capítulo e fui ao sertão da Bahia para conferir. O livro nascia como uma viagem de volta, Ao retornar, verifiquei que eu, nos sete primeiros capítulos, havia mistificado muito a minha própria origem. E isso foi bom, porque tive que reescrever muito o que já havia escrito. Um ano depois, tornei a me ver cheio de dúvidas e voltei novamente ao sertão, cheguei mesmo a escrever todo um capítulo lá e muitos outros eu viria a escrever em Salvador, trancado num quarto de hotel, me sentindo o sujeito mais doido do mundo. Essas idas e vindas foram importantes, porque serviram para me dar uma noção melhor da realidade de que o livro trata: o homem que sai de um lugar ( no caso o sertão) e vai para outro (São Paulo), perde o lugar que tinha e não conquista o outro. Durante o processo de elaboração eu via o livro como uma história inventada e hoje eu sei que ela não é tão inventada assim." (*Folha de São Paulo*, 26 de maio de 1976).

8. "A partir do suicídio de Nelo, o leitor começa a se embrenhar numa terra que chama, enxota, enlouquece e ama, cada verbo carregando dentro de si sua antinomia." (Nei Leandro de Castro, em: "Essa Terra" é uma Bahia sem super-heróis. Matéria publicada em *O Globo*, 04/07/1976).

9. As expressões "terra-cemitério" e "paisagem-defunta", respectivamente de Josué de Castro e João Cabral de Melo Neto, são aludidas para caracterizar o romance *Essa Terra*, representação ficcional da história do nordeste, na leitura de M. Fátima M. Albuquerque em: "Essa Terra de Antônio Torres: A denúncia do subdesenvolvimento". Separata da *Revista da Universidade de Aveiro/Letras*, número 2, 1985, pp. 138-139.

10. Em declaração ao *Jornal do Brasil*, o autor observa que seu pai jamais se adaptou a uma cidade maior que o Junco: "Meus pais, vivos até hoje, tentaram ir para uma cidade maior, Alagoinhas", explica. "Só que meu pai não resistiu e voltou para Junco. De lá não sai mais." (JB, 18 de maio de 1991, pp. 6-8).